

CADERNO DE SUGESTÕES PARA O(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)



MATERIAL ELABORADO POR
FERNANDA EMEDIATO

CARTA AO(À) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

É com alegria e delicadeza que apresentamos a vocês *O Magnífico Grandalhão*, um conto de Silvia Schujer, com ilustrações de Matías Trillo e tradução de Sheila Folgueral. Esta narrativa nos convida a mergulhar no universo de um personagem gigante — literal e simbolicamente — que vive à margem do vilarejo, carregando consigo a potência e o peso de ser “muito” em um mundo que nem sempre sabe acolher o que foge à medida.

A obra, ideal para crianças do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, integra-se à Categoria 4 – Direitos Humanos por sua delicada abordagem de temas fundamentais como respeito às diferenças, valorização da dignidade humana e direito ao convívio social e à brincadeira. Embora ambientada em um cenário fantástico, a história de Grandalhão ecoa vivências reais de crianças que enfrentam julgamentos, exclusões e barreiras simplesmente por não se enquadrarem em um padrão — seja de corpo, comportamento, fala ou origem.

O texto conjuga humor, poesia e fantasia para construir uma metáfora potente sobre o modo como tratamos o que é considerado “fora da norma”. A linguagem acessível, o ritmo envolvente e a riqueza visual contribuem para fortalecer a educação literária como espaço de escuta, empatia e formação ética. A fada, que ensina o Grandalhão a brincar de forma respeitosa, funciona como espelho e ponte: mostra que reconhecer o outro como sujeito de direitos é o primeiro passo para qualquer convivência justa.

Podemos dizer que se trata de uma obra sensível, por tocar suavemente em dilemas profundos da infância sem perder a leveza. E também fraturante, porque nos convida a romper com lógicas excludentes e a repensar nossos modos de olhar, nomear e conviver.

Desejamos que este conto encontre, em sua mediação, um terreno fértil para florescer em rodas de conversa, jogos simbólicos, leituras compartilhadas e experiências que valorizem a escuta, a amizade e o respeito às singularidades. Que o Grandalhão possa brincar com seus alunos e alunas sem precisar se esconder, e que todos possam crescer — juntos — em humanidade.

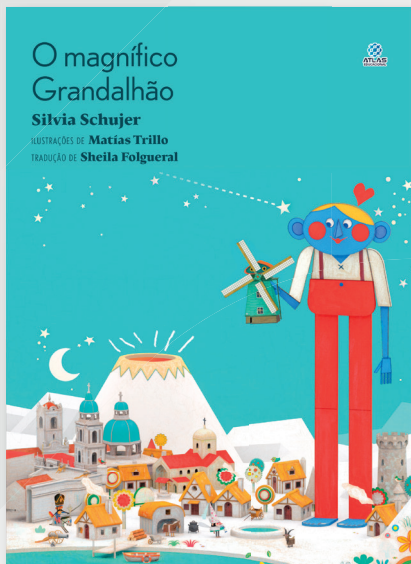
Boa leitura, boa escuta e boa travessia!

Com afeto e compromisso,

Fernanda Emediato

CONTEXTO DE PRODUÇÃO, PERTINÊNCIA DA OBRA E PÚBLICO LEITOR

A obra



Título: *O Magnífico Grandalhão*

Ano de lançamento: 2025 (2ª edição brasileira)

Obra original: *El muy magnífico grandulón* (original em espanhol, publicada na Argentina)

Autoria: Silvia Schujer

Ilustrações: Matías Trillo

Tradução: Sheila Folgueral

Gênero literário: Conto

Categoria do PNLD Literário Equidade: Categoria 4 – Direitos Humanos

Objeto: Objeto 3 – Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Sinopse:

Em uma enorme casa, afastados de um pequeno vilarejo, papai, mamãe e Grandalhão viviam felizes... e gigantes. Tudo corria bem, até que, em um dia de tédio, Grandalhão começou a brincar com as casas, os cavalos e até com a Lua! As pessoas entraram em pânico. Quem poderá ajudá-lo a fazer amigos?

Indicação pedagógica: 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (crianças de aproximadamente 7 a 10 anos)

A obra apresenta linguagem acessível, enredo envolvente e ilustrações expressivas, favorecendo o trabalho com temas como empatia, escuta, valorização das diferenças, respeito mútuo e convivência ética. É especialmente adequada para mediações literárias com crianças em processo de consolidação da leitura e de formação cidadã, contribuindo para a construção de uma cultura de paz e de reconhecimento do outro como sujeito de direitos.

Autora – Silvia Schujer

Silvia Schujer nasceu em Olivos, na Argentina, em 1956, e desde muito cedo encontrou na literatura um território de encantamento e expressão. Professora de Literatura, Espanhol e Latim, é uma das autoras mais reconhecidas da literatura infantojuvenil latino-americana. Com mais de oitenta livros publicados e traduzidos para diversos idiomas, seu trabalho já foi premiado nacional e internacionalmente. Além da escrita, Silvia tem uma forte ligação com a música: gravou um disco, escreveu livros musicais e desenvolveu projetos que misturam canções e literatura, muitos deles em parceria com seu filho, o compositor Mariano Fernández. Atuou também como editora, jornalista e colaboradora de revistas infantis, sempre empenhada em criar pontes entre arte, infância e imaginação. Sua obra revela a força do lúdico, da fantasia e da sensibilidade como caminhos para a formação ética e poética do leitor.

Ilustrador – Matías Trillo

Matías Trillo nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1972. É professor de pintura e formado pela Escola Nacional de Belas Artes Prilidiano Pueyrredón, com cursos complementares na Escola Superior Ernesto de la Cárcova. Ilustrador inquieto e versátil, Trillo dá vida a mundos fantásticos com seus traços expressivos, seja em livros, revistas, jogos, embalagens ou animações. Sua curiosidade o levou também a ensinar: compartilha com alunos e profissionais suas técnicas de animação e ilustração. Participou de exposições coletivas na Argentina e no exterior, sendo reconhecido pelo público e pela crítica como um dos grandes nomes da arte visual contemporânea no universo infantil. Seu trabalho combina humor, afeto e imaginação em doses generosas.

Tradutora – Sheila Folgueral

Sheila Folgueral é formada em Letras – Espanhol pela Universidade Federal de Minas Gerais e especialista em ensino de espanhol como língua estrangeira pelo Instituto Caro y Cuervo, da Colômbia. Atuante no campo da educação e da tradução editorial, é professora de Espanhol e Produção de Texto, revisora de materiais didáticos e tradutora literária com experiência em importantes editoras brasileiras. Além de sua atuação docente, ministra aulas particulares voltadas à formação em redação e aperfeiçoamento profissional em língua espanhola. Sua trajetória une precisão técnica e sensibilidade textual, qualidades que tornam suas traduções acessíveis, cuidadosas e literariamente potentes.

Por dentro da história

O Magnífico Grandalhão nos leva para um lugar onde tudo é grande — a casa, os pais, o protagonista e, acima de tudo, seus sentimentos. Grandalhão é um menino-gigante que vive com a mãe e o pai, afastado de um vilarejo onde ninguém os conhece de verdade. E esse distanciamento não é casual. A própria narrativa nos conta que eles “viviam felizes sozinhos, mantendo-se longe do vilarejo para não incomodar ninguém com sua enormidade” (p.11). Trata-se, aqui, de um primeiro olhar: o de quem se retira para evitar o julgamento, o espanto, a rejeição. Ou será que foram, sutilmente, isolados pelo olhar do outro?



Reprodução das páginas 10-11 da obra.

Magno, Magna e Grandalhão diante de sua casa, afastados do vilarejo para não “incomodar com sua enormidade”. A imagem simboliza, com delicadeza, o distanciamento de famílias marginalizadas por serem vistas como fora do padrão. Uma cena que provoca a pensar sobre pertencimento e respeito às diferenças.

A história nos convida a pensar no modo como muitas famílias e crianças — por suas características físicas, seu jeito de ser ou suas necessidades específicas — acabam vivendo à margem. A casa-montanha, onde mora a família gigante, é também uma metáfora de proteção: abriga, acolhe, mas também separa.

Mas logo surge um dilema muito comum na infância: o tédio. Grandalhão, curioso e cheio de energia, decide brincar. É a primeira vez que ele se aproxima do mundo fora de casa — daquilo que chamamos, muitas vezes, de “civilização”. Até então, nunca tinha visto uma criança, tampouco sabia o que eram brinquedos. Em dado momento, chega a perguntar com ingenuidade: “O que são brinquedos?” — Grandalhão interrompeu (p. 20). Por isso, suas brincadeiras tomam proporções inesperadas. Em vez de carrinhos, ele chuta a Lua.

Em vez de bichinhos, captura uma fada sem saber que ela é mágica. Em sua ânsia de se divertir, começa a mover casas, barracas, pessoas — como se tudo ao redor fosse parte de um grande tabuleiro.

É nesse ponto que a autora, Silvia Schujer, nos oferece um segundo olhar: o do Grandalhão como alguém que, apesar de ter bom coração, ainda não sabe como se relacionar com o outro. Como tantas crianças, ele ainda confunde brincar com controlar, estar junto com dominar. Sem referências de convivência e sem escuta, acaba atravessando os limites do outro — não por maldade, mas por desconhecimento.

É aí que entra a fada, personagem-chave que atua como mediadora. Ela não o pune nem o afasta. Olha para ele, conversa, questiona — e, com delicadeza e firmeza, o ajuda a experimentar outro ponto de vista. Ao transformá-lo temporariamente em uma criança humana, permite que ele descubra, pela vivência, a alegria de brincar com, e não apenas brincar perto.

Esta obra pode ser lida por diferentes lentes: como uma fábula sobre o preconceito e o isolamento social, mas também como uma delicada lição sobre convivência e empatia. Afinal, nem sempre é fácil aprender a partilhar espaços, afetos e silêncios. E nem sempre quem invade deseja machucar — às vezes, só não aprendeu outra forma de chegar perto.

Com leveza, poesia e imaginação, *O Magnífico Grandalhão* nos convida a repensar os tamanhos, os limites e os modos de estar junto. Porque, no fundo, como toda boa história, esta não quer apenas ser lida. Quer ser sentida. E lembrada como uma conversa entre quem lê e quem, de alguma forma, já se sentiu fora de lugar — ou sem saber como acolher o outro no seu.

Qualidade do texto literário, seu gênero e projeto gráfico

Silvia Schujer é uma autora experiente da literatura infantil argentina. Em *O Magnífico Grandalhão*, apresenta uma narrativa concisa, bem construída e aberta a múltiplas leituras. A linguagem é clara, o ritmo convida à escuta, e a escolha de um personagem fantástico, um menino-gigante, permite abordar com sensibilidade temas como pertencimento, empatia e convivência.

A história é breve, mas completa. O enredo tem início, meio e fim bem definidos, o que caracteriza a obra como um conto. Dentro desse gênero, exige-se precisão narrativa, foco e intensidade — características presentes aqui de forma equilibrada. A fantasia não é usada apenas para entreter, mas como forma de revelar experiências humanas que ultrapassam o plano simbólico.

A tradução de Sheila Folgueral respeita o tom da autora. Com formação em Letras e atuação no campo editorial, Sheila consegue manter o tom oral e o ritmo do original, adaptando expressões e escolhas de forma cuidadosa. O resultado é um texto que preserva o humor e a leveza, sem perder o vínculo com o leitor brasileiro.

As ilustrações de Matías Trillo dialogam com o texto sem sobrecarregar a leitura. Seus desenhos ajudam a dimensionar o universo do Grandalhão, evidenciando tanto sua presença quanto seus gestos, ora desajeitados, ora curiosos. O projeto gráfico favorece a leitura fluida, com boa distribuição de texto e imagem, pausas visuais e composição equilibrada.

O Magnífico Grandalhão é uma obra literária que articula texto, imagem e estrutura com clareza e propósito. Não há excesso. Há medida, escuta e intenção — o que torna o livro um bom ponto de partida para conversar com crianças sobre convivência, respeito e imaginação.

JUSTIFICATIVA DA SUBMISSÃO DA OBRA: RELEVÂNCIA E ALINHAMENTO À CATEGORIA INSCRITA

O Magnífico Grandalhão é uma obra literária que fala com as crianças, não sobre elas. E isso, por si só, já a coloca como leitura relevante em qualquer projeto pedagógico comprometido com os Direitos Humanos.

A escolha pela **Categoria 4 – Direitos Humanos** está diretamente relacionada ao coração da narrativa: uma criança “fora do padrão”, que vive isolada com sua família, não por escolha, mas para não incomodar. O Grandalhão não cabe no mundo — e o mundo, ao que tudo indica, também não se esforça para caber nele. É nesse ponto que a história toca em algo essencial: o direito de toda criança de existir, brincar, pertencer.

O texto convida educadores e leitores a refletirem sobre o olhar social que exclui antes mesmo de conhecer. A família de gigantes vive afastada do vilarejo, como tantos grupos ou sujeitos que são afastados pelo medo, pelo estranhamento ou pelo preconceito. Ao mesmo tempo, a obra mostra que, mesmo sem intenção, podemos ocupar demais o espaço do outro. Grandalhão não quer ferir — quer participar. Mas, sem escuta e mediação, suas ações causam confusão e desconforto. Ele é também quem precisa aprender a conviver.

É importante lembrar que, no cotidiano escolar, muitas crianças também apresentam comportamentos considerados agressivos ou inadequados não por maldade, mas por não saberem como interagir — seja por falta de referência, por experiências traumáticas, ou por viverem em contextos de vulnerabilidade social e emocional. Ao contrário do Grandalhão, que é acolhido por uma família amorosa, muitas dessas crianças não contam com um ambiente de escuta ou cuidado em casa. Ainda assim, como ele, também desejam pertencimento, afeto e aceitação. A literatura, nesse sentido, oferece não só espelhos, mas janelas: ao entrar em contato com histórias como a de *O Magnífico Grandalhão*, os estudantes podem refletir sobre seus próprios modos de agir e sentir — e os educadores encontram espaço para intervir de forma ética, respeitosa e transformadora.

A obra dialoga com diretrizes nacionais e internacionais de promoção da cidadania e da dignidade ao afirmar, por meio da linguagem literária, que todas as crianças têm o direito de pertencer, ser respeitadas e reconhecidas em sua singularidade. Tal perspectiva está em consonância com o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos — “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos” —, bem como com o Artigo 205 da Constituição Federal do Brasil, que afirma que “a educação visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Também segue os princípios defen-



Crédito: Freepik.

Crianças que crescem em contextos de isolamento ou vulnerabilidade podem ter dificuldades para se socializar, não por escolha, mas por não conhecerem outras formas de convívio. O silêncio e o afastamento muitas vezes escondem o desejo profundo de pertencimento.



Crédito: Freepik.

A literatura oferece às crianças caminhos simbólicos para compreender o mundo, reconhecendo o outro e a si mesmas. Histórias como a de *O Magnífico Grandalhão* ensinam, com delicadeza, que todo ser merece respeito — e que aprender a respeitar também é parte do crescimento.

didados pela UNICEF, ao compreender que os direitos humanos são normas que reconhecem e protegem a dignidade todas as pessoas, garantindo liberdade, igualdade e segurança como pilares da convivência em sociedade. Ao tratar de exclusão, empatia e transformação, *O Magnífico Grandalhão* contribui para a formação ética, estética e cidadã desde a infância.

É por isso que a história é potente: ela permite trabalhar **duas dimensões fundamentais dos Direitos Humanos nas escolas** — a de quem sofre com a exclusão e a de quem precisa aprender a respeitar limites, reconhecer o outro, conviver com as diferenças. Tudo isso sem manuais nem lições prontas, mas através da arte, da literatura, da metáfora.

A presença da fada como mediadora reforça a possibilidade da transformação. É por meio do diálogo, da escuta e da experiência que o Grandalhão muda. E essa transformação simbólica é, justamente, o que esperamos da formação ética nas escolas: que todos possam se tornar sujeitos de direitos — e também responsáveis pelo direito do outro.

Trabalhar esta obra com crianças dos Anos Iniciais é abrir espaço para conversas sobre empatia, escuta, convivência e justiça. Entre os 7 e os 10 anos, justamente no 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental, as crianças começam a expandir sua percepção do outro, desenvolvendo a noção de coletivo, regras de convivência e valores sociais mais complexos. É também uma fase em que surgem perguntas sobre pertencimento, identidade e aceitação — temas profundamente presentes na narrativa. *O Magnífico Grandalhão* dá nome ao que tantas vezes se vive em silêncio: a solidão de não caber e o desejo de fazer parte. Por isso, a obra não é apenas adequada à categoria. Ela é necessária.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS NA ESCOLA E NAS BIBLIOTECAS (ESCOLARES, PÚBLICAS, COMUNITÁRIAS) E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Ler literatura na escola não é apenas um exercício pedagógico — é uma afirmação de direito. Como nos lembra Rildo Cosson em *Letramento literário: teoria e prática* (São Paulo: Contexto, 2009), a presença da literatura no espaço escolar é fundamental para a formação crítica, ética e sensível dos estudantes. Mais do que ensinar a ler, trata-se de formar leitores capazes de escutar o mundo, elaborar sentidos e se colocar criticamente diante da realidade.

Autores como Rildo Cosson, Regina Zilbernam Teresa Colomer e Ana Maria Machado têm defendido a importância da literatura na formação crítica e ética do sujeito. Em *Literatura e formação* (Cosson, 2009), destaca-se que o texto literário amplia a compreensão do mundo porque oferece múltiplas vozes, visões e experiências. Já Colomer (2007) lembra que ler literatura é aprender a lidar com a complexidade — algo essencial para uma educação voltada à cidadania.

O conceito de letramento literário, desenvolvido por Teresa Colomer e aprofundado no Brasil por autores como Cosson e Zilbernam reforça que o papel da escola não é apenas disponibilizar o livro, mas criar condições de leitura significativa, por meio da mediação intencional e sensível do professor. Ler com e para os alunos, propor diálogos, abrir espaço para perguntas, permitir o silêncio e a emoção — tudo isso faz parte da construção de uma relação viva com a literatura.

Nessa perspectiva, o livro literário deixa de ser “instrumento” e se afirma como experiência estética, ética e política, como aponta a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A literatura permite elaborar conflitos, compreender emoções, enxergar o outro. Obras como *O Magnífico Grandalhão*, por exemplo, falam de pertencimento, escuta e justiça sem oferecer respostas prontas — elas convidam à reflexão.

Nas bibliotecas escolares, públicas e comunitárias, a presença da literatura também é estratégica. Esses espaços, muitas vezes mais abertos e afetivos do que a sala de aula, podem acolher leitores em formação com liberdade e diversidade de acervos. A biblioteca é um território de encontro: com o livro, com o outro e consigo mesmo. Como afirma Michèle Petit, ler é também um modo de se recompor, de construir identidade e imaginar futuros possíveis. Em muitas comunidades, as bibliotecas são espaços vivos de escuta, acolhimento e pertencimento.

Como mostram Durand e Gerbovic (2024):

“A conversa em um clube de leitura deve partir de perguntas abertas que comportem as mais variadas reflexões e respostas. [...] Assim, cria-se um clima acolhedor em que cada leitora se sente livre e confiante para expressar a sua leitura [...] e, coletivamente, possa ser criado um espaço em que todas caibam e se identifiquem como seres humanos em sua diversidade.” (p. 65–66)

Promover equidade pela literatura é garantir que todos — independentemente de origem, condição social, deficiência, identidade de gênero ou cultura de pertencimento — tenham acesso a histórias que ampliem suas vozes e os façam se reconhecer. Quando uma criança vê no livro um personagem que também se sente fora de lugar, ou que precisa aprender a conviver com o outro, ela entende que a experiência humana é compartilhada — e que merece escuta.

Por tudo isso, a leitura literária deve estar no centro das práticas educativas. Na escola, na biblioteca ou em casa, ela pode ser o início de uma travessia transformadora — aquela que começa com um livro e segue pela vida inteira.

INDICAÇÕES PARA A EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTEXTOS ESCOLARES, COM ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO E PROPOSTAS DE PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS E COMUNITÁRIOS.

Indicação de faixa etária e série:

A obra *O Magnífico Grandalhão* é indicada para crianças do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, aproximadamente entre 7 e 10 anos. Nesse período, os estudantes estão ampliando suas capacidades de leitura e compreensão textual, além de desenvolverem valores como empatia, noção de coletivo, respeito às regras e à diversidade. É uma fase em que o letramento literário pode contribuir significativamente para a formação ética e afetiva, com mediações que acolham e ampliem o repertório cultural e emocional das crianças.

Em contextos escolares:

A obra pode ser explorada em projetos interdisciplinares que articulem Literatura, Ensino Religioso, Arte, Educação Moral e Cidadania, História e Projeto de Vida. A figura do Grandalhão permite abordar temas como autoimagem, inclusão, escuta ativa, convivência com o diferente e o papel da mediação na resolução de conflitos. Professores podem trabalhar a leitura em voz alta com pausas para conversas, leitura dramatizada com uso do corpo e da voz, recontos coletivos, produção de diários do personagem ou criação de finais alternativos.

É possível também propor atividades com foco no desenvolvimento da oralidade e da escrita: cartas da fada para o Grandalhão, bilhetes trocados entre os personagens, ou até mesmo notícias fictícias sobre o que aconteceu no vilarejo quando tudo foi reorganizado. Além disso, a obra pode inspirar rodas de conversa sobre o que é brincar junto, o que é respeitar o espaço do outro, e como nos sentimos quando somos (ou fazemos) parte.

Em bibliotecas públicas e comunitárias:

A obra pode ser ponto de partida para encontros intergeracionais, em que adultos compartilham suas memórias de infância e escutam as das crianças. Também pode ser lida em projetos de contação de histórias, oficinas de ilustração (onde as crianças desenharam o seu próprio “grandalhão”) ou atividades de reconexão com o corpo e o espaço. A casa-montanha pode virar cenário de maquetes ou teatrinhos de sombra; a fada pode ser representada com luzes e tecidos. O importante é manter o espírito da narrativa: imaginar, escutar, transformar.

Em ambientes comunitários, a história pode servir como suporte para dinâmicas de convivência, campanhas de valorização da diversidade e até ações contra o bullying, sem discursos prontos — apenas com a força do símbolo, da palavra e da escuta partilhada.

Ler *O Magnífico Grandalhão* com crianças é também uma oportunidade de crescer junto com elas — não no tamanho, mas na delicadeza com que ocupamos o mundo ao lado do outro.

O conto *O Magnífico Grandalhão* pode ser explorado em três momentos complementares de mediação: pré-leitura, leitura e pós-leitura.

- **Na pré-leitura**, é possível propor uma roda de conversa sobre o que significa “ser grande” — fisicamente, emocionalmente, socialmente — e de que forma as pessoas são, por vezes, julgadas por aquilo que parecem ser. Pode-se observar a capa, o título e as ilustrações da

obra, levantando hipóteses sobre o enredo e os personagens. Outras possibilidades incluem perguntar às crianças se já se sentiram deslocadas, ou se já viram alguém ser excluído. Esses momentos despertam a curiosidade e preparam o grupo para uma leitura com escuta atenta e sensível.

- **Durante a leitura**, recomenda-se a leitura em voz alta, feita pelo(a) educador(a), intercalada com pausas para observar as imagens, comentar ações dos personagens e perguntar como os(as) alunos(as) se sentiriam no lugar do Grandalhão ou da fada. É interessante explorar as mudanças do personagem ao longo da história: como ele se sente no início? O que aprende com a fada? A escuta coletiva, quando bem conduzida, valoriza a participação das crianças e incentiva a construção compartilhada de sentidos.

- **Na pós-leitura**, podem ser propostas atividades como: escrever ou desenhar uma carta para o Grandalhão; dramatizar a cena em que a fada o ajuda a encolher; criar um novo final para a história; ou produzir um cartaz coletivo com a pergunta: “O que é brincar com o outro?”. Também é possível relacionar a história com situações da escola ou da comunidade: quando não ouvimos o outro? Quando ocupamos demais um espaço que não é só nosso?

Essas práticas podem ser realizadas tanto em sala de aula quanto em bibliotecas escolares, públicas ou comunitárias, por meio de rodas de leitura, oficinas de criação, contação de histórias, projetos de escuta entre gerações ou ações que promovam a cultura de paz e o respeito mútuo.

Mais do que desenvolver habilidades de leitura e interpretação, essas práticas literárias fortalecem o vínculo entre os(as) estudantes e os valores que sustentam os direitos humanos: o acolhimento, a convivência e o reconhecimento da dignidade do outro.

A seguir, serão apresentadas sugestões detalhadas de mediação e atividades, que podem ser adaptadas conforme os interesses do grupo, os objetivos pedagógicos e as singularidades de cada contexto. O mais importante é garantir que cada leitura seja também uma oportunidade de imaginar, escutar e transformar.

ATIVIDADES

Sugestão de atividade 1 – Aprendendo a brincar junto

Objetivos:

- Refletir com as crianças sobre o sentido da convivência respeitosa no espaço coletivo.
- Desenvolver habilidades de escuta, empatia e reconhecimento do outro como sujeito de direitos.
- Incentivar a expressão oral e artística por meio da criação coletiva.
- Relacionar o enredo do conto com situações concretas do cotidiano escolar.

BNCC e princípios da Equidade:

A atividade propõe experiências que contribuem para o desenvolvimento integral da criança, integrando linguagem, arte, sensibilidade ética e expressão corporal. Está alinhada à BNCC por estimular o protagonismo dos(as) estudantes, o respeito às diferenças e a construção de valores voltados à convivência democrática. Também dialoga com os princípios da Equidade ao promover a escuta, a valorização das múltiplas formas de ser e brincar e o compromisso com uma escola que acolha todas as infâncias.

Descrição – Como fazer:

Após a leitura compartilhada de *O Magnífico Grandalhão*, abra uma conversa com a turma a partir da pergunta: **“Como o Grandalhão poderia ter brincado com os outros sem assustar ninguém?”**. Ouça as hipóteses das crianças e incentive o compartilhamento de experiências pessoais (momentos em que brincadeiras machucaram ou excluíram alguém, ainda que sem intenção).

Na sequência, proponha que as crianças desenhem ou encenem novas formas de o Grandalhão brincar junto com os colegas do vilarejo. A proposta pode ser feita em pequenos grupos: uns criam cartazes com regras para brincar com cuidado, outros criam cenas teatrais com mediação (a fada intervindo), outros inventam brinquedos cooperativos que caberiam no mundo dos gigantes.

Finalize com uma roda de partilha, em que cada grupo apresenta o que criou, e com um registro coletivo (um mural ou cartaz): **“Brincadeiras que cabem todo mundo”**.

Possíveis intervenções sociais:

1. A partir da atividade, a turma pode criar uma campanha de valorização do brincar coletivo na escola, com cartazes, rodas de conversa e oficinas para outras turmas.

2. A história pode inspirar um projeto de mediação de conflitos entre colegas, com a criação de um “Cantinho da Fada” na sala — um espaço simbólico onde se pode conversar, escutar e resolver pequenos conflitos do cotidiano escolar.

Sugestão de atividade 2 – Uma carta para o Grandalhão

Objetivos:

- Estimular a escrita como forma de expressão pessoal e construção de vínculos com os personagens.
- Desenvolver a empatia, colocando-se no lugar do outro e refletindo sobre sentimentos e ações.
- Ampliar o repertório emocional e linguístico por meio da produção de textos autorais.
- Promover a escuta e o respeito às experiências individuais no espaço coletivo.

BNCC e princípios da Equidade:

A proposta valoriza a escuta, o acolhimento e a construção de vínculos entre linguagem, ética e convivência. Estimula a produção textual com base na experiência literária e incentiva o respeito às diversas formas de sentir, pensar e comunicar. Está alinhada à formação integral e ao compromisso com uma educação antidiscriminatória, atenta às vozes e subjetividades das crianças.

Descrição – Como fazer:

Após a leitura e conversa sobre a trajetória do Grandalhão na história, convide as crianças a escreverem (ou desenharem, conforme o nível de escrita) **uma carta para o Grandalhão**. A carta pode conter conselhos, perguntas, elogios ou sugestões para que ele se sinta mais acolhido e aprenda a conviver melhor com os outros.

Antes da produção, converse com a turma:

- O que você diria para o Grandalhão?
- Ele é mau ou ele está aprendendo?
- Você gostaria de ser amigo(a) dele? Por quê?
- Como você se sentiria no lugar dele?

As cartas podem ser lidas em voz alta em roda e depois organizadas em um envelope coletivo chamado “**Cartas para o mundo dos gigantes**”. Caso prefira uma proposta mais visual, as crianças podem desenhar o momento em que entregariam a carta e descrever em poucas palavras o que diriam ao personagem.

Possíveis intervenções sociais:

- A atividade pode ser ampliada em uma ação de correspondência entre turmas da mesma escola, com troca de cartas inspiradas em diferentes livros e personagens, incentivando a escuta e o diálogo entre grupos.

- Pode inspirar a criação de uma caixa de cartas da convivência, um espaço permanente na sala ou na biblioteca onde os(as) alunos(as) possam escrever sobre sentimentos, pedidos de desculpas, agradecimentos ou conflitos — incentivando práticas de cuidado mútuo e mediação afetiva.

Sugestão de atividade 3 – O corpo do Grandalhão

- Explorar o corpo como linguagem e forma de expressão da narrativa literária.
- Incentivar a empatia e a escuta ativa por meio de dramatizações e jogos simbólicos.
- Estimular a imaginação e a cooperação entre os(as) estudantes na construção coletiva de sentidos.
- Relacionar sentimentos do personagem às experiências das crianças em situações do cotidiano escolar.

BNCC e princípios da Equidade:

A proposta articula linguagem oral, corporal e estética para favorecer o letramento literário e a formação integral dos(as) estudantes. Está em sintonia com os princípios da Equidade ao acolher diferentes modos de expressão e ampliar o acesso à literatura por meio de múltiplas linguagens. Valoriza também a escuta, o respeito aos ritmos individuais e a construção de vínculos entre o eu e o outro.

Descrição – Como fazer:

Depois da leitura da obra, organize a turma para uma atividade de dramatização chamada **“O corpo do Grandalhão”**. Divida os(as) alunos(as) em grupos e proponha que encenem momentos da história usando apenas expressões faciais e movimentos corporais (sem fala no primeiro momento). Pode ser o momento em que o Grandalhão brinca sozinho, quando encontra a fada, quando encolhe, quando volta para casa ou quando se sente triste por não ter com quem brincar.

Depois das pequenas encenações, abra espaço para que os colegas assistam e tentem adivinhar a cena representada. Em seguida, estimule uma conversa:

- Como o corpo do Grandalhão se sentia?
- Como é brincar com cuidado?
- Que partes do nosso corpo usamos para escutar e acolher o outro?

A atividade pode ser finalizada com a criação coletiva de um painel ou um mapa visual intitulado: **“Sentimentos que ocupam espaço”**, com palavras, desenhos ou colagens que expressem emoções percebidas ao longo da leitura e da dramatização.

Possíveis intervenções sociais:

- A turma pode organizar uma apresentação corporal aberta à comunidade escolar, encenando trechos da obra para outras turmas, pais ou visitantes da biblioteca, seguida de conversa sobre escuta, limites e convivência.

- A atividade pode inspirar a criação de um projeto de educação emocional, com jogos teatrais e rodas semanais de escuta sobre os sentimentos que “crescem demais” — como raiva, tristeza ou solidão — e como lidar com eles no convívio escolar.

INDICAÇÕES PARA A EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS E SUA POTENCIALIDADE PARA O TRABALHO COM O LETRAMENTO LITERÁRIO

O Magnífico Grandalhão é uma obra que encontra nas bibliotecas públicas e comunitárias um espaço fértil para florescer. Seu enredo breve, poético e simbólico permite uma leitura acessível, mas também profunda, capaz de acolher leitores com diferentes repertórios e trajetórias. A história do menino-gigante que precisa aprender a brincar junto, e não apenas ao lado, convida à escuta, à empatia e à troca de experiências — dimensões essenciais do letramento literário.

Em bibliotecas comunitárias, onde a mediação costuma acontecer de forma mais afetiva e livre, a obra pode ser lida em voz alta por mediadores(as), voluntários(as) ou pelas próprias crianças em formato de roda. Pode também ser incorporada a clubes de leitura, encontros intergeracionais (com adultos e crianças compartilhando memórias de infância) ou oficinas temáticas sobre “brincadeiras que cabem todo mundo”.

A natureza metafórica do texto favorece o trabalho com múltiplas linguagens — oral, visual, corporal — e permite que o livro se torne ponto de partida para produções coletivas, como murais, zines ou pequenos teatros. A presença de ilustrações expressivas facilita o engajamento de leitores em processo de alfabetização, bem como de pessoas com diferentes níveis de letramento.

Do ponto de vista do letramento literário, *O Magnífico Grandalhão* oferece elementos-chave: promove a escuta ativa, abre espaço para a construção de sentidos compartilhados, permite múltiplas interpretações e articula imaginação e crítica. Ao invés de oferecer respostas prontas, a obra provoca perguntas — o que é ser grande demais? Como brincar com cuidado? O que é se sentir fora de lugar? — e isso é o que torna sua leitura uma experiência estética e formativa.

Em espaços onde o acesso ao livro literário nem sempre é garantido, obras como esta podem não apenas aproximar a criança da leitura, mas também da escuta de si e do outro. E, no contexto das bibliotecas públicas e comunitárias, essa escuta — livre, respeitosa, horizontal — é um passo importante para a construção de comunidades mais leitoras, mais inclusivas e mais humanas.

A seguir, apresentamos dois projetos de mediação que podem ser adaptados conforme o perfil dos leitores, os espaços disponíveis e os objetivos de cada instituição.

Projeto 1 – Coletânea de Contos: Vozes que Narram o Mundo

Objetivos

- Estimular o letramento literário por meio da leitura e produção de contos.
- Desenvolver a escuta sensível, o respeito às diferenças e a expressão criativa.
- Ampliar o repertório narrativo dos(as) estudantes, promovendo a autoria e a representatividade.
- Compreender como os contos podem ser ferramentas para pensar identidade, pertencimento, empatia e justiça.

BNCC e princípios da Equidade

O projeto dialoga com os campos de atuação da linguagem previstos na BNCC para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especialmente o campo artístico-literário. Estimula práticas de leitura, escuta, fruição e produção oral e escrita. Além disso, está alinhado aos princípios da equidade por valorizar diferentes experiências, vozes e perspectivas, reconhecendo cada criança como sujeito de direitos e produtora de cultura.

Justificativa

O conto *O Magnífico Grandalhão* oferece uma metáfora potente sobre pertencimento, empatia e mediação de conflitos. A partir dessa leitura, propõe-se que os(as) estudantes construam suas próprias narrativas inspiradas por temas, como ser visto como “grande demais”, sentir-se excluído ou não compreendido, desejar fazer parte e encontrar caminhos de convivência respeitosa. A criação coletiva de uma coletânea de contos amplia o protagonismo das crianças e dá lugar às suas vozes e imaginações.

Cronograma

Duração sugerida: 4 a 6 semanas

- Semana 1: Leitura e mediação de *O Magnífico Grandalhão*.
- Semana 2: Conversas sobre temas centrais da obra (empatia, exclusão, escuta, brincar, diferença).
- Semana 3: Oficinas de criação de personagens e enredos.
- Semana 4: Escrita dos contos individuais ou em grupo.
- Semana 5: Revisão, ilustração e preparação da coletânea.
- Semana 6: Lançamento da coletânea com leitura pública, exposição ou sarau.

Metodologia

- Leitura literária mediada com escuta ativa.
- Atividades de interpretação e reconstrução narrativa.
- Produção coletiva e individual de contos com apoio do(a) mediador(a).
- Oficinas de oralidade, escrita e ilustração.
- Uso de estratégias de escuta sensível e construção colaborativa de sentidos.

Etapas sugeridas

1. **Leitura compartilhada** de *O Magnífico Grandalhão* e roda de conversa.
2. **Mapeamento de sentimentos e experiências** a partir dos personagens.
3. **Oficinas criativas** para criação de novos personagens e histórias.
4. **Produção dos contos** (escrita, revisão e ilustração).
5. **Organização da coletânea** (digital, impressa ou exposta em murais).
6. **Apresentação pública:** sarau, leitura encenada, podcast ou exposição.

Possíveis desdobramentos sociais

- Criação de uma biblioteca de contos da comunidade escolar, com autoria dos(as) alunos(as).
- Realização de uma exposição itinerante ou digital com os textos e ilustrações produzidos, envolvendo famílias, bibliotecas comunitárias ou centros culturais locais.

Projeto 2 – Meu Corpo no Mundo: Brincar, Respeitar, Pertencer

Objetivos

- Promover a escuta e o respeito às diferenças corporais, emocionais e comportamentais.
- Estimular a consciência corporal e a valorização do corpo como território de expressão e afeto.
- Trabalhar com as crianças a importância do brincar coletivo, da mediação de conflitos e da convivência respeitosa.
- Desenvolver a linguagem oral, escrita e artística em práticas integradas.

BNCC e princípios da Equidade

O projeto dialoga com os campos da linguagem, do corpo e das artes, articulando competências gerais da BNCC com foco em empatia, cooperação, respeito, expressão e autoria. Valoriza a diversidade de formas de ser, brincar e conviver, promovendo práticas anticapacitistas e inclusivas, alinhadas à cultura dos direitos humanos e à construção de uma escola equitativa.

Justificativa

O protagonista de *O Magnífico Grandalhão* é uma criança fora da “medida esperada”, cujas brincadeiras causam susto e afastamento, não por maldade, mas por falta de escuta e orientação. A obra permite abrir espaços para conversas sobre o corpo — o próprio e o do outro — e sobre o que acontece quando não somos acolhidos como somos. Ao propor jogos, rodas e criações artísticas inspiradas nesse universo simbólico, o projeto estimula o reconhecimento de si, o cuidado com o outro e a convivência ética.

Cronograma

Duração sugerida: 3 a 5 semanas

- Semana 1: Leitura da obra e escuta sensível das experiências das crianças.
- Semana 2: Atividades de consciência corporal e rodas de conversa sobre “como é meu corpo, como é o seu”.
- Semana 3: Brincadeiras orientadas e construção coletiva de regras de respeito.
- Semana 4: Criação de produções artísticas (desenhos, poesias, esculturas com sucata ou massinha).
- Semana 5: Exposição dos trabalhos e vivência de jogos cooperativos com a comunidade.

Metodologia

- Leitura literária mediada com rodas de escuta.
- Jogos e brincadeiras como práticas pedagógicas.
- Atividades artísticas e sensoriais para trabalhar o corpo e as emoções.
- Produção coletiva de combinados e cartazes de convivência.

Etapas sugeridas

1. **Leitura da obra** e conversa sobre como é ser “grande demais” ou “pequeno demais”.
2. **Oficinas corporais** com espelhos, sombras, autorretratos e movimentos.
3. **Brincadeiras inclusivas**, com regras criadas pelas próprias crianças.
4. **Criação de cartazes** com frases e imagens sobre respeito, escuta e brincadeira coletiva.
5. **Apresentação das criações** para outras turmas, famílias ou comunidade.

Possíveis desdobramentos sociais

- Produção de um “Guia do Brincar com Respeito” feito pelas crianças e distribuído na escola ou biblioteca.
- Realização de uma Semana do Brincar Inclusivo, com atividades abertas para outras turmas, famílias e educadores(as).

INDICAÇÕES DE BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Obras literárias complementares

***Orelha de Limão*, de Eva Furnari (Moderna)**

Um menino com orelhas enormes sofre por não se encaixar, até descobrir que ser diferente também é ter potência. Excelente para trabalhar autoestima e empatia.

***Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (Ática)**

Aborda com leveza e afeto a questão da admiração pelas diferenças e o respeito pela identidade do outro.

***Um amigo para Lucas*, de Pedro Bandeira (Moderna)**

Trata da importância da amizade e da escuta, mostrando como relações afetuosas ajudam no desenvolvimento emocional das crianças.

***Elmer, o elefante xadrez*, de David McKee (Martins Fontes)**

Elmer não tem a cor dos outros elefantes e tenta se esconder, mas descobre o valor de ser único. Trabalha com humor e delicadeza a valorização das diferenças.

PODCASTS

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). *Deixa que eu conto* – para cada criança. [S. l.]: UNICEF, [202?]. Podcasts com histórias e brincadeiras acessíveis para crianças da educação infantil e dos anos iniciais, com foco em inclusão e respeito às diferenças. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SILVA, Tiago Abreu et al. *Introvertendo*. [S. l.]: Introvertendo, 2018. Podcast produzido por pessoas autistas, com temas voltados à neurodiversidade, vivências e inclusão. Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

VÍDEOS

MULTIVOZES NA ESCOLA. *O que é acolhimento*. [S. l.]: YouTube, 24 abr. 2021. 7 min. Vídeo que reflete sobre o acolhimento como prática de escuta, vínculo e valorização de cada estudante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cGDSSRtlKl0>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MULTIVOZES NA ESCOLA. *Por que devemos criar vínculos na escola?*. [S. l.]: YouTube, 6 mai. 2021. 6 min. Apresenta a importância dos vínculos afetivos entre educadores e estudantes no processo de aprendizagem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vhTsrOKy-Q>. Acesso em: 31 jul. 2025.

AGÊNCIA SENADO. *Os oito tipos de bullying*. [S. l.]: YouTube, 4 out. 2021. 2 min. Vídeo animado que explica os diferentes tipos de bullying e a proposta de enfrentamento por meio de uma cultura de paz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=psieH5qBIpk>. Acesso em: 31 jul. 2025.

ARTIGOS

EDUCACIONAL. *Acolhimento escolar: importância e como fazer*. [S. l.]: Educacional, 2023. Artigo com orientações práticas sobre acolhimento, prevenção do bullying e promoção do bem-estar na escola. Disponível em: <https://educacional.com.br/gestao-escolar/acolhimento-escolar/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. *Portal do Especialista – Acolhimento*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2023. Conteúdo técnico sobre práticas de escuta, cuidado e inclusão no ambiente escolar. Disponível em: <https://portaldoespecialista.educacao.mg.gov.br/acolhimento>. Acesso em: 31 jul. 2025.

Filmes e animações

***O Bom Gigante Amigo (The BFG)*, de Steven Spielberg (2016)**

Baseado na obra de Roald Dahl. Um gigante que se recusa a comer crianças se torna amigo de uma menina, enfrentando o preconceito dos outros. A aproximação com *O Magnífico Grandalhão* é direta — inclusive no uso da fantasia para discutir exclusão e ternura.

***Dumbo*, de Tim Burton (2019)**

Um elefante com orelhas enormes que sofre rejeição e depois conquista o mundo com sua singularidade. Ótimo para trabalhar aceitação e superação.

***Meu Amigo Totoro*, de Hayao Miyazaki (1988)**

A amizade entre duas irmãs e um espírito da floresta gigante e gentil. A obra tem o mesmo tom poético e encantado de Schujer.

***O Menino e o Mundo*, de Alê Abreu (2014)**

Animação brasileira premiada que trabalha identidade, pertencimento e crítica social, com forte apelo visual e simbólico.

***Shrek*, de Andrew Adamson (2001)**

Um ogro que prefere viver isolado é forçado a se relacionar com os outros e acaba descobrindo o valor da convivência. Traz humor e questionamentos sobre estereótipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

Estabelece os direitos fundamentais de crianças e adolescentes no Brasil, garantindo proteção integral, respeito à dignidade e acesso à educação e cultura.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 06 jul. 2025.

Garante direitos e inclusão plena de pessoas com deficiência, promovendo igualdade de oportunidades e acessibilidade.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2018.

Documento orientador das aprendizagens essenciais na Educação Básica, promovendo uma formação integral e cidadã para todos os estudantes.

CANDIDO, Antonio. O Direito à literatura. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro; São Paulo: Ouro Sobre Azul; Duas Cidades, 2004.

Reflexão clássica sobre o papel da literatura como direito humano, essencial à formação ética, estética e crítica dos sujeitos.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007. Aborda estratégias e sentidos da leitura literária na escola, valorizando o protagonismo do leitor e a mediação pedagógica.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

Apresenta fundamentos e práticas para desenvolver o letramento literário como processo contínuo e formativo.

DOWKER, Ann. A Representação da Deficiência em Livros Infantis: séculos XIX e XX. Educação & Realidade, 2013.

Disponível em: https://www.ufrgs.br/edu_realidade/. Acesso em: 6 jul. 2025.

Analisa como a deficiência foi representada historicamente na literatura infantil, apontando avanços e estigmas.

DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções. Salvador: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2024.

As autoras desenvolvem um papel de destaque na formação de mediadoras e mediadores de leitura, tendo participado de diversos clubes de leitura, nos mais variados contextos. O livro recupera um pouco dessa trajetória e reafirma a importância da formação de leitores para uma sociedade mais justa e humanizada.

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiência no contexto da literatura infantojuvenil e didática. Mimesis, 2000.

Reflete sobre a presença e o tratamento de personagens com deficiência em livros para crianças e jovens.

JOUBE, Vincent. A leitura. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

Investiga o ato de ler como encontro entre texto e leitor, com foco nos sentidos produzidos pela leitura literária.

JOUBE, Vincent. Entrevista com Vincent Joubé. In: LER: Leitura em Revista, v. 1, out. 2010.

Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5628/material/entrevista.com.JOUBE.PDF>. Acesso em: 10 jul. 2025.

O autor discute sua teoria sobre a leitura e o papel ativo do leitor na construção do sentido do texto.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

Ensaia sobre o valor formativo da experiência estética, da escuta e do encontro com o outro no contexto educacional.

MUNIZ, Joice Daiane; GALVANI, Marcia Duarte. Formação colaborativa para a alfabetização de crianças com Trissomia 21. Revista Delos, 2025.

Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/3952>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Apointa estratégias de alfabetização para crianças com síndrome de Down, considerando aspectos cognitivos e linguísticos.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, Tânia M.K; ZILBERNAM, Regina (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

Referências ao se pensar sobre a leitura literária, os autores apresentam, neste livro, considerações e apontam direcionamentos que podem auxiliar na compreensão do letramento literário e de sua importância para a formação de sujeitos críticos e sensíveis.

PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

A autora destaca a leitura como espaço de reconstrução simbólica, resistência e refúgio, especialmente para públicos em situação de vulnerabilidade.

RÊGO, Maria Paula da Silva. Promoção da Leitura na Trissomia 21 – Um estudo de Caso. Coimbra, 2011.

Dissertação que analisa práticas de mediação e promoção da leitura para crianças com síndrome de Down.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: A escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Discute a importância de uma mediação sensível e crítica da literatura infantil no ambiente escolar.